

04. - Anarquistas e Sindicalistas Revolucionários diante da Revolução Russa

A revolução russa foi um evento de enorme importância para o movimento operário internacional e, em particular, para o movimento libertário e sindicalista revolucionário, cujo apoio entusiástico foi baseado no que os ativistas podiam saber sobre os eventos que aconteciam na Rússia. Mas o que se sabia sobre a repressão contra os trabalhadores que teve lugar quase imediatamente após a tomada do poder pelos bolcheviques? Que conhecimentos tinham os militantes operários fora da Rússia sobre o assunto? Não muito, até por volta de 1920. Gradualmente, porém, a informação começou a espalhar-se.

A questão é importante porque os militantes revolucionários que se deslocam à Rússia como meras testemunhas ou como representantes de organizações políticas ou sindicais para participar do congresso fundador da Internacional Comunista ou da Internacional Sindical Vermelha terão de formar uma opinião sobre a natureza do regime, a fim de apresentarem um relatório quando regressarem às suas casas. As organizações terão de decidir se pretendem aderir ao Komintern e à Internacional Sindical Vermelha com base nos relatórios escritos pelos delegados que enviaram à Rússia: devem ou não apoiar o poder comunista russo? Estas escolhas serão decisivas na subsequente bolchevização destas organizações.

Hoje, a extensão da repressão contra os trabalhadores na Rússia pós-revolucionária já não suscita grandes dúvidas na opinião militante: os fatos já não estão em discussão. A questão reside, pois, em saber se os delegados que participaram nos congressos fundadores da Internacional Comunista e da Internacional Sindical Vermelha sabiam o que estava acontecendo na Rússia. Porque o processo de repressão e terror começou na Rússia imediatamente após o golpe de Estado bolchevique em outubro de 1917: muitas vezes ignoramos o fato de que a Tcheka foi criada em dezembro de 1917. As primeiras vítimas da repressão comunista foram, naturalmente, os anarquistas.

Incapazes de contestar seu status de revolucionários, os bolcheviques tentaram fazer passar os anarquistas por “bandidos”. A criminalização dos opositores políticos era uma constante. Claro que foram os bolcheviques que decidiram quem era “criminoso”. Mas a razão pela qual o governo temia os anarquistas e os reprimiu estava em seu apoio aos comitês operários das fábricas. “A luta dos bolcheviques

para estabelecer o controle do partido e do Estado, em vez do controle pelos próprios trabalhadores, tornou-se uma luta contra o ‘anarquismo burguês’¹.

Sob o pretexto de uma ocupação imobiliária organizada pela Guarda Negra para se opor às nacionalizações e à liquidação dos comitês de fábrica, a Tcheka atacou os “anarco-bandidos” na noite de 12 para 13 de abril de 1918: 30 pessoas foram mortas, 600 anarquistas foram presos. A maioria dos anarquistas foram “liquidados”, ou libertados se eles concordassem em manter a boca fechada e colaborar com o regime.

Pierre Broué, que não pode ser suspeito de antipatia com os bolcheviques, resume perfeitamente a questão: “Como poderiam os bolcheviques aceitar o livre confronto de ideias e a livre concorrência nas eleições soviéticas quando sabem que nove décimos da população são hostis a eles”, e sabendo também que os mencheviques e os anarquistas representam agora “uma força real entre os trabalhadores”²?

04-01 Novembro de 1918: A Classe Trabalhadora Russa É Definitivamente Esmagada

A partir de novembro de 1918, a classe operária russa foi definitivamente esmagada. Medidas para suprimir a democracia operária foram implementadas muito rapidamente: proibição de jornais da oposição, prisão e execução de militantes mencheviques e anarquistas em abril de 1918. Nessa altura, houve uma repressão brutal das greves dos trabalhadores. Em novembro de 1918, o Estado bolchevique tinha dominado em grande parte toda a máquina política e econômica do país e criado um aparelho repressivo nunca antes visto. Poderíamos multiplicar os indicadores que mostram o início da contrarrevolução, mesmo antes da guerra civil:

- O Politburo torna-se o único órgão dirigente do partido;
- O aparelho do partido torna-se completamente centralizado;
- Dezembro de 1917-janeiro de 1918: as eleições nos sindicatos são substituídas por nomeações das autoridades dos partidos;
- Outono de 1918: liquidação dos comitês de fábrica; os soviets são expurgados dos partidos não-bolcheviques;
- Março-agosto de 1918: desarmamento dos guardas vermelhos; retirada de todo poder dos soviets locais; membros dos soviets são

1 Frederick I. Kaplan, *Bolshevik Ideology and the Ethics of Soviet Labour*, Peter Owen, London, p. 147.

2 Pierre Broué, *Le Parti bolchévique*, Les Éditions de Minuit, p. 156.

nomeados pelo aparato do partido; repressão dos socialistas revolucionários e anarquistas e supressão de seus jornais.

- Centralização da Tcheka.

A chamada “Revolução de Outubro” foi, de fato, um golpe de Estado. Inicialmente, o 2º Congresso dos Sovietes de toda a Rússia deveria se reunir pouco antes da data do golpe de Estado bolchevique e deveria levantar a questão da tomada do poder pelos soviets – um ponto da agenda que seria sem dúvida aceito. Mas isso não agradou aos bolcheviques porque teria estabelecido uma “legalidade soviética”, com uma pluralidade de partidos, o que teria sido difícil para eles questionarem depois³.

Ao tomar a iniciativa de conquistar o poder por um golpe de força e depois entregá-lo aos soviets no dia seguinte, dava-se a impressão de que estes últimos tinham tomado o poder. Ao contornar o congresso dos soviets, os bolcheviques estavam se tornando populares entre as massas populares. Era necessário, portanto, agir rapidamente e tomar os soviets em velocidade, mesmo quando os bolcheviques estivessem em uma posição favorável nos soviets. Lenin estava febril: “[...] existe, no Comitê Central e nos círculos dirigentes do partido, uma corrente ou opinião a favor de esperar pelo Congresso dos Sovietes e hostil à tomada imediata do poder, hostil à insurgência imediata. Esta corrente ou opinião deve ser derrotada”. Deixar a oportunidade escapar e esperar pelo Congresso dos Sovietes “seria um completo disparate ou uma completa traição”⁴.

E para forçar o partido a adotar seu ponto de vista, Lenin ameaçou demitir-se: “Devo apresentar meu pedido de demissão do Comitê Central, o que eu faço, reservando o direito à propaganda nas fileiras do partido e no congresso do partido. Porque minha convicção mais profunda é que, se “esperarmos” pelo Congresso dos Sovietes e perdermos imediatamente a oportunidade, estamos causando a perda da revolução”⁵.

A correspondência de Lenin naquela época mostra a forma febril com que ele empurrou o partido para a insurreição:

3 Este processo é perfeitamente descrito em Arthur Lehning, *Anarchisme et Marxisme dans la Révolution russe*, éd. Spartacus [Anarquismo e Marxismo na Revolução Russa].

4 “La crise est mûre” [A crise está madura], 27 septembre 1917, *Œuvres*, t. 26, Paris-Moscou, pp. 68-79.

5 *Ibid.*

“Os bolcheviques não têm o direito de esperar pelo Congresso dos Sovietes, devem tomar o poder imediatamente. Ao fazê-lo, estão salvando a revolução mundial [...] Adiar é um crime. Esperar pelo Congresso dos Sovietes é mostrar um formalismo infantil e desonroso; é trair a revolução”⁶.

Se o Congresso dos Sovietes tivesse tomado o poder, teria criado uma legalidade soviética que consagraria a pluralidade de partidos dentro dele – precisamente o que os bolcheviques não queriam.

A captura do Palácio de Inverno tinha sido realizada quase sem perdas. No período imediatamente a seguir à tomada do poder, Lenin demonstrou um idealismo comovente. Uma pergunta importante surgiu, relata Trotsky em *Minha Vida*: como se chamaria o novo governo? “Acima de todo, nada de ministros! O título é odioso, tem estado em todo o lado”, diz Lenin.

“Poder-se-ia dizer ‘Comissários’, propus; mas agora há demasiados Comissários... Talvez ‘altos comissários’... Não, ‘Alto Comissário’ não soa bem... E se colocarmos: ‘comissários do povo?’ ‘Comissário do Povo? Bem, parece-me que pode ser bom...’ Lenin continua. E o governo como um todo?

- Um soviete, é claro, um soviete... O sovietes dos comissários do povo, hein?

- O Soviete dos Comissários do Povo? Lênin exclama. É perfeito. Cheira terrivelmente à revolução!⁷”

Obviamente, Trotsky não percebeu que, ao relatar essa anedota, ele estava demonstrando que o poder havia mudado em suas formas, mas não em sua natureza...

O anarquista Efim Yarchuk, delegado de Kronstadt no Soviete de Petrogrado, respondeu, de certa forma, em antecipação a este diálogo reproduzido por Trotsky. Quando a constituição do governo foi anunciada ao soviete, ele exclamou: “Que governo? Não precisamos de nenhum governo!” E quando foi anunciada a criação do soviete dos

6 Lenin, Lettre au comité central, au comité de Moscou, au comité de Petrograd, aux membres bolchéviques des Soviets de Petrograd et de Moscou, 5 [18] octobre 1917 [(Carta ao Comitê Central, ao Comitê de Moscou, ao Comitê de Petrogrado, aos membros bolcheviques dos soviets em Petrogrado e Moscou)].

7 Léon Trotski, *Ma Vie*, Le livre de poche, p. 392.

comissários do povo, ele gritou: “Que soviete dos comissários? Que tipo de invenção é esta? Todo o poder deve ir para os sovietes locais!”

Quando perguntado, antes da tomada do poder, sobre o fato de que ninguém sabia como operar o mecanismo do governo, Lenin respondeu: “Qualquer operário será capaz de operar um ministério depois de alguns dias. Isto não requer qualquer conhecimento especial. Os funcionários públicos farão o trabalho”.

E quanto ao dinheiro, foi-lhe perguntado, como é que você vai fazer, já que pretende cancelar a antiga moeda? “Faremos funcionar a máquina de imprimir notas. Imprimiremos quanto for necessário”, respondeu Lenin⁸. Foi exatamente o que ele fez. Foi, portanto, com estas boas concepções de política econômica que o partido chegou ao poder.

Mas o estado de graça não durou muito. Quando as massas operárias e camponesas perceberam que o programa bolchevique estava completamente vazio, que estava reduzido a... tomar o poder e emitir fórmulas ocas como: “As próprias massas criarão seu poder”, voltaram-se para outras organizações. Os mencheviques estavam ganhando muito terreno nos sindicatos e sovietes, a tal ponto que os bolcheviques, cuja popularidade estava diminuindo, foram obrigados a dissolver os corpos nos quais as eleições haviam dado a maioria aos mencheviques ou aos socialistas-revolucionários. “Os bolcheviques conduziram os mencheviques à clandestinidade pouco antes das eleições para o Quinto Congresso Soviético, no qual os mencheviques pensaram que ganhariam ganhos significativos⁹.”

Enquanto as eleições permaneceram relativamente livres, a dominação bolchevique nos sovietes declinou na primavera de 1918 com o aumento espetacular dos Mencheviques e dos SRs nas eleições. Foi a intervenção armada dos bolcheviques que quebrou o processo, excluindo os opositores dos órgãos eleitos.

Os bolcheviques “inventaram explicações absurdas para justificar as expulsões”, mas “as acusações de que os mencheviques estiveram envolvidos em atividades contrarrevolucionárias sobre o Don, nos Urais, na Sibéria, com os Tchecos, ou que se juntaram ao pior dos Cem Negros¹⁰, eram obviamente infundadas¹¹”. Pesquisas recentes confirmam esta tese. Os Mencheviques tinham decidido envolver-se

8 David Shub, *Lénine*, Idées-Gallimard, p. 204.

9 Israel Getzler, *Martov*, Cambridge University Press, p. 179.

10 Bandos monárquicos criados pela polícia czarista para lutar contra o movimento revolucionário. Os Cem Negros assassinavam revolucionários, atacavam intelectuais progressistas, organizavam progromes contra judeus.

11 Israel Getzler, *Martov*, *op. cit.*

apenas na oposição legal e tinham condenado qualquer ação armada contra o regime. Qualquer ativista que infringisse esta ordem era excluído.

Quase desde os primeiros meses da revolução, a classe operária russa opôs-se ao poder bolchevique, que foi forçado, em junho de 1919, a formar um “Comitê de Defesa de Moscou”, com poderes extraordinários para lidar com a agitação crescente. Foi necessária uma repressão intensa para acabar com a agitação. No início de 1921, unidades do exército foram convocadas para reprimir trabalhadores grevistas: alguns se recusaram a abrir fogo e foram substituídos por destacamentos de comunistas armados, que não hesitaram. Quando várias fábricas entraram em greve, alguns regimentos foram desarmados e confinados aos seus quartéis por medo da confraternização. “Moscou foi declarada sob a lei marcial, enquanto os destacamentos comunistas e as unidades do exército leal guardavam as fábricas 24 horas por dia”¹².

Em toda a Rússia, “as greves foram endêmicas nos primeiros nove meses de 1920”; “nos primeiros seis meses de 1920 ocorreram greves em 77% das grandes fábricas e médias empresas” – de acordo com fontes soviéticas¹³. Em 1919, na província de Petrogrado, para uma população de 109.100 trabalhadores, houve 52 greves que afetaram 65.625 grevistas. Em 1920, houve 73 greves que afetaram 85.645 grevistas. Em fevereiro e março de 1921 “a agitação laboral recomeçou como parte de uma onda nacional de descontentamento [...]. Greves gerais, ou conflitos muito generalizados, afetaram Petrogrado, Moscou, Saratov e Ekaterinoslav”¹⁴.

Sabemos da greve geral de Petrogrado, à qual está ligada a insurreição de Kronstadt. Os bolcheviques responderam com a mais severa repressão. Os movimentos de greve foram de escala excepcional, durante e após a guerra civil. A repressão destes movimentos também. Como Zinoviev disse no 2º Congresso da Internacional Comunista – no qual muitas delegações estrangeiras participaram: “a ditadura do proletariado é ao mesmo tempo a ditadura do Partido Comunista”¹⁵. Parece que muitos delegados, especialmente alguns delegados sindicalistas revolucionários franceses pró-comunistas que apoiaram a

12 Richard Sakwa, *Soviet Communists in Power: A Study of Moscow During the Civil War, 1918-21*, London, Macmillan, July 1988.

13 *Ibid.*

14 J. Aves, *Workers Against Lenin: Labour Protest and the Bolshevik Dictatorship* (International Library of Historical Studies, 6, 1996).

15 Debates e documentos do Segundo Congresso, 1920.

adesão do movimento sindical francês à Internacional Sindical Vermelha, não ouviram estas palavras.

Ao contrário da crença popular, a repressão contra as organizações de esquerda diminuiu um pouco durante a guerra civil, por razões óbvias: o poder governante precisava de todas as energias. A repressão recomeçou depois da guerra civil. Na verdade, era necessário eliminar qualquer alternativa socialista capaz de competir com os bolcheviques no poder. A guerra civil terminou com a captura de Vladivostok em 25 de outubro de 1922, e a atitude dos bolcheviques em relação aos partidos socialistas concorrentes endureceu, especialmente porque houve um sério descontentamento da classe trabalhadora em relação aos bolcheviques. Em 1920, o governo não escondeu o fato de que a maioria da classe trabalhadora russa se tinha tornado anticomunista. Muitos trabalhadores se retiraram do Partido Comunista.

Uma vez passado o perigo, não era mais concebível deixar que os mencheviques ou os socialistas revolucionários ampliassem sua audiência no movimento operário, assim como os anarquistas, que estavam experimentando um crescimento considerável. Na realidade, o desinteresse do proletariado pelo partido bolchevique não era um sinal de despolitização, era o corolário da crescente influência de correntes políticas rivais.

Deve-se ter em mente que a questão da democracia no partido bolchevique só começa a surgir quando a liberdade para todas as outras formações revolucionárias fora liquidada. A famosa sentença, pronunciada na conferência de Leningrado em 3 de dezembro de 1927, atribuída a Bukharin, mas escrita por Tomsy (um dos dois “sindicalistas” da direção do partido), não é uma fórmula estilística: “Sob a ditadura do proletariado, pode haver dois, três, até quatro partidos, mas apenas na condição de que um esteja no poder e os outros na prisão”¹⁶.

04-2 Apoio à Revolução Russa

Os militantes operários franceses foram informados relativamente cedo sobre a situação na Rússia, graças à imprensa libertária. Mas durante algum tempo houve um sentimento predominante de solidariedade dentro do movimento libertário com uma revolução proletária imperfeita, certamente, mas que havia derrubado o Estado

¹⁶ Citado por Pierre Broué, *Le Parti bolchevique*, ch. X, “La lutte de l’opposition unifiée”. Esta citação é às vezes atribuída a Trotsky, outras vezes a Bukharin, erroneamente. É verdade que só emprestamos aos ricos...

zarista e estabelecido um regime baseado nos soviets, ou seja, instituições que se assemelhavam às bolsas de trabalho. Durante cerca de dois anos, foi recebida muito pouca informação da Rússia, que estava sob bloqueio. Os anarquistas sentem-se vinculados por uma espécie de dever de reserva, de não dar à reação grãos para moer¹⁷.

Alguns anarquistas simplesmente juntaram-se aos bolcheviques, como Victor Serge, que disse: “O tempo já não é mais propício para perdermos o interesse na luta social e pensarmos que somos anarquistas porque somos vegetarianos”¹⁸. No entanto, a informação crítica chega rapidamente. O *Libertaire* de 13 de julho de 1919 reproduziu um artigo de Rhillon, “O Futuro da Revolução Russa”, no qual o autor declara: “Toda a liberdade de discussão e de reunião, toda a liberdade de imprensa foi suprimida; os meios mais abjetos foram utilizados contra os opositores revolucionários”.

Sébastien Faure tinha permanecido discreto sobre a repressão antitrabalhadores na Rússia para não dar argumentos aos inimigos da revolução, mas a partir de 19 de dezembro de 1920 ele publicou uma série de artigos intitulados “Minha opinião sobre a ditadura”¹⁹, nos quais ele atacou a hegemonia do Partido Comunista e a ideia de um “período de transição”, baseado na observação de que um partido que exercesse a ditadura nunca abandonaria o poder. Um sistema de repressão é necessariamente parte de uma lógica de reforço permanente do poder. Foi neste espírito que Sébastien Faure se expressou em 11 de fevereiro de 1921: “Em relação à ditadura, prometi pessoalmente a mim mesmo não dizer nada sobre ela, tanto que tive o desejo de não dizer uma palavra, de não escrever uma linha que pudesse ser tomada para desaprovação”²⁰.

Para muitos ativistas, os soviets apareceram inicialmente como a adaptação das bolsas de trabalho à Rússia²¹. Os comitês de fábrica eram apenas a implementação dos princípios do sindicalismo revolucionário. O caráter particular da revolução inicial, bem como a distância, levou

17 Para as reações do movimento libertário à revolução russa, ver o excelente livro de David Berry, *Le mouvement anarchiste en France*, co-editado por Noir & Rouge e Les Éditions libertaires.

18 Victor Serge Kibaltchiche, “Lettre de Russie”, *Le Libertaire*, n° 94, 7 novembre 1920.

19 *Le Libertaire*, n° 104, 14 janvier 1921; n° 107, 4 février 1921 e n° 132, 29 juillet 1921.

20 Citado por Jean Maitron, *Le Mouvement anarchiste em France*, éd. Tel Gallimard, p. 44.

21 Este fato foi-me confirmado por antigos ativistas franceses que tinham sido contemporâneos dos acontecimentos.

muitos ativistas a acreditar que os bolcheviques eram bakuninianos que estavam estabelecendo uma autêntica democracia operária a cem milhas do parlamentarismo reformista. O sindicalista revolucionário Pierre Monatte podia assim escrever, no *L'Humanité* de 29 de setembro de 1920, que o Sovietismo era “o irmão do nosso sindicalismo”.

Da mesma forma, em um artigo em *La Vie ouvrière* de 10 de setembro de 1919 intitulado “Les idées dévastées”, Alfred Rosmer traça um paralelo entre a forma soviética e o sindicalismo revolucionário:

“Pela forma soviética que assumiu, que se assemelhava tanto ao que [*o sindicalismo revolucionário*] havia concebido de si mesmo, a Revolução Russa deveria ser duas vezes mais querida. O Soviete local designado por todos os trabalhadores e só por eles, que é o primeiro órgão do novo regime, não corresponde ao Conselho de um Comitê intersindical ou de uma Bolsa de Trabalho?”

A primeira tradução de *O Estado e a Revolução* de Lênin data de 1919. O livro, apresentado como a expressão da doutrina leninista do Estado, contribuiu para credenciar a fábula, que confina com a fraude intelectual, com uma aproximação com teses anarquistas. Isso explica por que os anarquistas e sindicalistas revolucionários acolheram o texto, o que ajudou a convencê-los do caráter libertário da ideologia bolchevique, para a qual o estado de transição está apenas começando a desaparecer. O livro de Lênin, diz Rosmer, foi “uma agradável revelação para revolucionários fora do marxismo ortodoxo, sindicalistas e anarquistas. Nunca antes tal linguagem tinha saído da boca dos marxistas que conheciam. Leram e leram essa interpretação de Marx à qual não estavam acostumados”²².

Para Joaquín Maurín, *O Estado e a Revolução* foi o livro que criou uma ponte doutrinária que ligava o bolchevismo ao sindicalismo revolucionário e ao anarquismo.

A rejeição da herança parlamentar da social-democracia pelos bolcheviques parece ter sido determinante²³. As semelhanças entre as posições do sindicalismo revolucionário e as dos bolcheviques explicam a adesão de muitos militantes ao comunismo. Estas semelhanças serão destacadas sobretudo pelos próprios bolcheviques, ansiosos por atrair para eles os militantes operários mais ativos. Charbit, Hasfeld, Martinet, Monatte, Monmousseau, Rosmer, Sémard e outros estavam entre eles.

22 Alfred Rosmer, *Moscou sous Lénine*,

<https://www.marxists.org/francais/rosmer/works/msl/msl2010.htm>.

23 Lênin lamentou que a luta antiparlamentar tivesse sido abandonada aos anarquistas.

Finalmente, pensou-se que a revolução russa era apenas o prelúdio da revolução mundial, e não havia necessidade de olhar muito de perto para o que estava acontecendo na Rússia: “A revolução logo deixará de ser russa e se tornará europeia”, escreveu Monatte a Trotsky em 13 de março de 1920. Tom Mann, um sindicalista revolucionário britânico (e fundador do Partido Comunista Britânico em 1921), disse: “Bolchevismo, Espartaquismo, sindicalismo revolucionário, tudo isso significa a mesma coisa sob nomes diferentes”.

Houve, portanto, alguma confusão por um tempo, porque quando Monatte foi preso em 3 de maio de 1920 por conspiração contra a segurança do Estado, a polícia capturou líderes de uma “Federação Comunista de Sovietes” e de um “Partido Comunista”, ambos com tendências anarquistas...!

Muitos militantes libertários conhecidos pela sua intransigência na defesa do indivíduo tornaram-se – momentaneamente, na sua maioria – partidários da ditadura do proletariado; entre eles André Lorulot, E. Armand, Mauricius e Charles-Auguste Bontemps²⁴, nenhum dos quais se vangloriaram disso mais tarde.

Lorulot escreveu que “a ditadura de ferro do proletariado” seria uma “ditadura das elites sobre os brutos”, mostrando assim uma visão essencialmente elitista e de desprezo em relação às massas²⁵.

Mauricius declarou no jornal *C.Q.F.D.* que Trotsky e Lênin são simpáticos a ele e que ele estaria mais disposto a cooperar com eles do que com “a horda de grosseiros, incoerentes e nulidades que dizem encarnar a anarquia”, aqueles para quem “a anarquia consiste em contemplar seu umbigo, mover-se de fininho e praticar o amor livre”²⁶.

Uma União Anarquista foi então formada em novembro de 1920, cujo primeiro congresso declarou: “A revolução russa é um fato considerável [...] Ela traz, pelo menos na sua origem, a forte marca do comunismo libertário”.

O apoio à revolução russa persistiu até 1921, apesar da expressão de algumas reservas. Com o fim da Guerra Civil, as comunicações foram

24 Charles-Auguste Bontemps, um defensor do “individualismo social”, escreveu, no entanto, em *Le Libertaire* de 28 de novembro de 1920, que a ditadura “é um mal, mas um mal necessário” e que só ela pode “ajudar a instalar um sistema comunista”.

25 “Isto lembra-nos um manifesto assinado por volta de 1922 por personalidades do movimento individualista francês, entre as quais Manuel Dévaldès e André Lorulot, personalidades que se declararam, sem aderir a ele, a favor do regime bolchevique, assassinando depois a Revolução Russa, e atacaram Sébastien Faure, que fazia campanha contra este assassinato...” (Gaston Leval, “la Crise permanente de l’anarchisme”).

26 Jean Maitron, *op. cit.*, p. 42.

restabelecidas: observadores foram enviados à Rússia e os testemunhos foram divulgados.

A repressão tomou tal escala na Rússia que o *Libertário* abriu em 1921 uma coluna intitulada “Nas prisões russas”... Mas a Rússia era cercada pelas tropas aliadas e a revolução ainda tinha de ser defendida. Os anarquistas franceses participaram nos movimentos de protesto contra a intervenção das tropas aliadas. Só depois da derrota da contrarrevolução é que o silêncio foi quebrado.

No entanto, houve avisos do grupo do jornal *Les Temps nouveaux*, que publicou cartas de anarquistas russos e socialistas revolucionários. Infelizmente, Kropotkin e Jean Grave, que dirigiram esta revista, foram desacreditados no movimento anarquista por causa de sua assinatura, em 1916, do “Manifesto dos Dezesesseis” em favor da guerra. Perderam a sua credibilidade e as suas advertências não foram ouvidas.

04-3 A Informação Está Chegando

Embora até o fim da guerra civil quase nada tenha sido filtrado da Rússia, a estadia de muitos delegados políticos e sindicais que vieram ao Segundo Congresso do Komintern e os trabalhos preparatórios para o congresso da Internacional Sindical Vermelha permitiram aos que não estavam cegos conhecer a verdadeira natureza do regime. Não é mais possível dizer que “nós não sabíamos”.

O ativista anarquista e sindicalista Marcel Vergeat²⁷, que desapareceu em circunstâncias misteriosas no seu regresso da Rússia, reconhece que a revolução russa “não é anarquista”, mas “é a revolução social e já é alguma coisa”²⁸. O Primeiro Congresso da União Anarquista reconhece que a revolução russa “traz, pelo menos na sua origem, a forte marca do comunismo libertário concretizado pela fórmula eterna: operário, toma a máquina, toma a terra camponês”.

“A defesa ativa da Revolução Russa pelos anarquistas durante esses anos se explica não só porque foi a revolução social, mas também porque essa revolução estava em perigo, ameaçada pela intervenção estrangeira, e era impensável que os anarquistas fizessem coro com seus piores inimigos”²⁹.

²⁷ Três militantes sindicalistas anarquistas que declararam imprudentemente que fariam um relatório desfavorável sobre a Rússia ao congresso da CGT desapareceram misteriosamente no seu regresso à França: Marcel Vergeat, Raymond Lefebvre e Jules Lepetit.

²⁸ Maitron, *Le Mouvement anarchiste en France*, II, p. 43.

²⁹ *Ibid.*

Lepetit, que desapareceu ao mesmo tempo que Vergeat, escreveu em *Le Libertaire* de 8 de junho de 1919 que os trabalhadores russos “traçaram o primeiro esboço da revolução social que o mundo conheceu”. Pode-se ler na mesma edição de *Le Libertaire* que “a ditadura do proletariado se impõe assim durante este difícil período como uma triste necessidade”.

Há um pequeno livro publicado em 1923, *Repressão do Anarquismo na Rússia Soviética*, publicado pelo “Grupo Anarquista Russo no Exílio na Alemanha”, composto por sobreviventes do sistema policial soviético³⁰. É como um aviso ao movimento operário ocidental, para informá-lo sobre a virada contrarrevolucionária dos acontecimentos na Rússia Soviética. O livro é composto de duas partes. A primeira trata da feroz repressão dos militantes anarquistas russos nos primeiros meses após outubro de 1917. A segunda parte consiste numa lista não exaustiva de 178 nomes de militantes anarquistas mortos, presos ou expulsos pelo regime bolchevique. A versão francesa também contém ainda os nomes de três militantes franceses, que também foram vítimas dessa repressão por não terem retransmitido o discurso oficial das autoridades e denunciado os ataques contra os anarquistas: Raymond Lefèvre, Vergeat, Lepetit.

Um exame cuidadoso da lista de nomes é extremamente instrutivo porque revela que a maioria dos homens e mulheres mencionados são revolucionários de longa data, alguns dos quais até participaram da revolução de 1905; e que a maioria deles são trabalhadores ou empregados modestos.

A introdução de André Colomer é dirigida diretamente aos sindicalistas revolucionários franceses que acabam de apoiar a adesão da CGTU à Internacional Sindical Vermelha:

“Este livro foi dedicado aos trabalhadores revolucionários franceses cuja organização sindical, a CGTU³¹ – acaba de, através da sua adesão à Internacional Sindical Vermelha, passar à tutela do governo bolchevique. Nossos camaradas que, de acordo com Trotsky e Zinoviev, ainda têm tantos preconceitos federalistas e autonomistas, verão, ao ler estas páginas, o destino que lhes será reservado quando eles próprios afirmarem cuidar da organização do trabalho, após a tomada do poder pelos ‘comunistas’”.

30 Veja o livro em: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article361>.

31 Confederação Geral do Trabalho-Unitária. – Uma cisão da CGT que uniu sindicalistas revolucionários e comunistas.

Berlim era então um centro para todos aqueles que iam ou vinham da Rússia. Muitos ativistas sindicalistas revolucionários e anarquistas encontraram-se lá pela primeira vez: em 1920, Augustin Souchy conheceu Rudolf Rocker e Fritz Kater. Borghi e Pestaña tinham parado em Berlim quando voltaram e se reuniram com os principais líderes sindicalistas revolucionários alemães. No seu regresso da Rússia, Gaston Leval também fez uma pausa em Berlim. A maioria dos militantes russos, entre os quais Makhno e Archinov, que conseguiram fugir ou foram expulsos encontravam-se inevitavelmente em Berlim. Por conseguinte, não é de admirar que tenham tido lugar debates intensos na capital alemã.

Após o fim da guerra civil e a derrota dos exércitos brancos, os anarquistas que estavam relutantes em tomar uma posição aberta já não se sentiam obrigados a um apoio incondicional. Já em maio de 1920, Rudolf Rocker tinha publicado um panfleto altamente crítico contra o regime, “O sistema soviético ou a ditadura do proletariado?”

Os anarquistas russos começaram a lançar apelos na imprensa ocidental, reproduzidos no *Libertaire*. Wilkens³², de volta da Rússia, onde passou seis meses, publicou crônicas muito hostis ao regime. Artigos sobre as prisões russas apareceram cada vez com mais frequência. No entanto, a informação ainda estava muito fragmentária. Os ecos do esmagamento da revolta de Kronstadt, em março de 1921, chegam apenas tardiamente: o fato não foi mencionado no *Libertaire* até 30 de dezembro de 1921. Quanto ao movimento makhnovista, que será derrotado em agosto de 1921, é inicialmente acolhido com hostilidade

32 Carpinteiro espanhol que viveu na França, partiu para a Rússia Soviética em 1920, representando a Comissão Sindical para a Defesa dos Trabalhadores Espanhóis no Norte da França. Ele era então um marxista e apoiante da ditadura do proletariado. Ele foi denunciado por um militante comunista espanhol e preso na Rússia em 13 de outubro de 1920 e detido até 22 de novembro. Ele retornou à França no dia 3 de janeiro de 1921 e inaugurou em *Le Libertaire* de 14 de janeiro, sob o título “Seis meses na Rússia”, crônica que terminou no nº 132 (29 de julho a 5 de agosto de 1921), onde denunciou o reforço da ditadura na Rússia, bem como as medidas tomadas contra os anarquistas.

Ele se opôs na Rússia aos sindicalistas revolucionários pró-comunistas liderados por Pierre Monatte. No congresso realizado em outubro de 1921 pela minoria da CGT em Paris, uma moção de apoio a Wilkens foi aprovada por maioria de votos, provocando a saída de Monatte, que havia se recusado a permitir que Wilkens falasse. A edição de *Le Libertaire* de 10-17 de fevereiro de 1922 anuncia a sua expulsão da França para a Bélgica. Foi então para a Espanha, onde, com o nome de Fernando Alvarez dit Ivan, tornou-se jornalista e editor do *Heraldo* de Madrid e afastou-se das ideias libertárias. Ele foi morto em julho de 1936 no Passo de Somosierra, na cordilheira de Guadarama, ao Norte de Madrid.

<https://maitron.fr/spip.php?article155529>, repare em WILKENS (ou VILKENS).

pelo movimento libertário, que, condicionado pela propaganda comunista, nega-lhe a qualidade de anarquista!

Estão agora a ser organizadas reuniões públicas contra a ditadura na Rússia. O Segundo Congresso da União Anarquista condena sem reservas a ditadura do proletariado: “Seria preciso ser cego para não ver que a ditadura não só é inútil para a segurança de uma revolução, mas também é prejudicial para a evolução desta revolução”³³.

Com o envio de delegados ao 2º Congresso da Internacional Comunista e os encontros preparatórios para a criação da Internacional Sindical Vermelha em 1921, as informações estão começando a circular, mas, infelizmente, muitos delegados não conseguiram escapar dos caminhos marcados que as autoridades traçaram para eles.

Os delegados que tinham um mínimo de experiência na ação sindical receberam vários choques quando chegaram ao 2º Congresso da Internacional Comunista.

A leitura do *Esquerdismo, a doença infantil do comunismo* de Lênin, revelou-lhes ira com que os líderes russos tratavam aqueles que não partilhavam das suas opiniões. Quanto ao *Terrorismo e Comunismo*, no qual Trotsky falava constantemente de centralização, disciplina, repressão e militarização do trabalho, o texto teve um efeito arrepiante. Era preciso ser surdo e cego para não questionar a real natureza do regime que estava sendo estabelecido.

O metalúrgico Vergeat e o trabalhador da construção Lepetit ficaram espantados com o que viram na Rússia, como mostra a sua correspondência. Eles estavam bem conscientes dos imensos esforços feitos pelo povo russo, mas, como trabalhadores, foram afetados pela total exclusão dos trabalhadores russos de qualquer decisão no que deveria ser uma revolução operária³⁴ – o que contradiz as alegações espantosas de Besancenot & Löwy, que dizem, contra a mais elementar verdade histórica, que os bolcheviques ajudaram as massas a “organizar a socialização da produção, a nível das bases...”, quando nunca deixaram de falar de centralização.

Vergeat e Lepetit não ficaram satisfeitos com as rotas sinalizadas impostas aos delegados e perguntaram sobre as condições de vida da população russa com mais frequência do que compareceram às sessões do congresso. Em carta ao *Libertaire*, Lepetit lamentou que o congresso não tenha sido interessante apesar da propaganda sobre o evento. Ele

33 *Le Libertaire*, 2 décembre 1921.

34 Cf. *Le Libertaire* 12 e 22 décembre 1920 e 7-14 janvier 1921, *La Vie ouvrière* 3 septembre 1920.

também escreveu uma série de artigos denunciando os abusos da Tcheka.

Lepetit também observou que a maioria dos delegados chegaram convencidos com antecedência, seduzidos pelo prestígio da revolução. Estes delegados, disse ele, não estavam interessados em discussões sérias e aceitaram as teses dos bolcheviques quase unanimemente. “Isto não é um congresso”, disse ele, “mas uma reunião onde se vem para aprovar as ordens e decisões da Igreja”³⁵. Na mesma edição de 7-14 de janeiro de 1921, o *Libertaire* publicou um patético apelo dos anarco-sindicalistas russos ao proletariado mundial: “Camaradas, ponham fim ao domínio da vossa burguesia, tal como nós fizemos aqui. Mas não repitam nossos erros: não permitam que o comunismo estatal se estabeleça em seus países!”

Lepetit tinha declarado a Wilkens que havia chegado a hora de os sindicalistas revolucionários do Ocidente tomarem uma posição sobre os problemas da revolução³⁶. Ele disse que era necessário apoiar a revolução russa, mas não pensou que o comunismo de Estado era a solução certa: pelo contrário, ele matou a revolução. A fórmula da “ditadura do proletariado” é ilusória, diz ele novamente. Ele declarou que queria defender seu ponto de vista impiedosamente no congresso da minoria da CGT, que seria realizado na França em setembro de 1921.

Armando Borghi, delegado da Unione Sindacale Italiana, relata em sua autobiografia que Vergeat e Lepetit foram os mais intransigentes dos sindicalistas revolucionários estrangeiros em sua oposição aos bolcheviques³⁷. Os outros dois delegados franceses eram Cachin e Froissard, ex-socialistas oportunistas, que voltaram à França e se tornaram os mais fanáticos apoiadores do Komintern.

Vergeat e Lepetit nunca esconderam o fato de que, no seu regresso à França, revelariam o que pensavam do regime na Rússia e que diriam o que tinham visto. Há todos os motivos para acreditar que os dois homens iriam se opor à adesão aos Comitês Sindicalistas Revolucionários da Internacional Sindical Vermelha no congresso de setembro de 1921. O seu desaparecimento no Mar Báltico foi uma sorte: deixou o campo aberto a Cachin e Froissard.

Os anarquistas que foram a Moscou para os congressos do Komintern ou da Internacional Sindical Vermelha voltaram desiludidos. A ruptura do *Libertaire* com os comunistas russos e os seus representantes na França remonta ao misterioso desaparecimento de

35 *Le Libertaire*, 7-14 janvier 1921.

36 Wilkens relata a conversa em *Le Libertaire*, 11-18 février 1921.

37 Armando Borghi, *Mezzo secolo di anarchia*, ESI, 1954, p. 245.

Lepetit, Lefebvre e Vergeat, após o seu regresso da Rússia. Eles deveriam participar do congresso confederativo da CGT, onde relatariam sua viagem. Um livro de Mauricius, que também foi delegado em Moscou e onde ele conta suas desventuras, quebraria o feitiço³⁸.

Na edição de novembro de 1921 do *Libertaire*, Gaston Leval, que também voltou de Moscou, foi particularmente severo com os bolcheviques:

“[...] Os sindicatos tornaram-se instrumentos ao serviço do partido, a sua evolução normal, a sua educação, a sua adaptação lógica às necessidades da revolução foram evitadas; através da violência, da prisão, da deportação, do cancelamento das eleições e de muitos outros processos semelhantes, o cumprimento da sua missão tornou-se impossível”.

O relatório de Gaston Leval, juntamente com o de Angel Pestaña, ambos representantes da CNT espanhola, contribuíram grandemente para a recusa da CNT em aderir à Internacional Sindical Vermelha.

De 1920 a 1921, os militantes sindicalistas anarquistas ou sindicalistas revolucionários que apoiaram os dirigentes comunistas russos não podiam simplesmente ignorar o fato de que estes tinham sufocado qualquer voz independente no país, destruído qualquer instituição autônoma do proletariado, reduzido os soviets a câmaras para registrar as decisões daqueles que haviam tomado o poder, aprisionado e massacrado centenas de milhares de militantes e trabalhadores, imposto a toda a sociedade um regime de terror que nunca antes havia sido visto. Os ativistas sindicalistas revolucionários que apoiaram o regime não podiam ignorar que apoiavam um regime de terror.

Quando os anarquistas perceberam que a revolução russa havia se desviado de seus objetivos, eles perceberam isso sem causar qualquer comoção particular. A coisa foi diferente com o movimento sindicalista revolucionário, dividido em duas correntes opostas: uma com Monatte, que apoiou os comunistas russos, e a outra com Pierre Besnard, que se opôs firmemente à adesão da CGTU à Internacional Sindical Vermelha.

É desta fratura que nasceu o anarco-sindicalismo.

³⁸ Mauricius, *Au Pays des Soviets, neuf mois d'aventures*, Paris, Éditions Figuière, 1922.

04. - Anarquistas e Sindicalistas Revolucionários diante da Revolução Russa..1	
04-01 Novembro de 1918: A Classe Trabalhadora Russa É Definitivamente Esmagada.....2	
04-2 Apoio à Revolução Russa.....7	
04-3 A Informação Está Chegando.....11	